

2021

MULHERES NEGRAS ESCRAVIZADAS

A violência no período colonial brasileiro
e os reflexos na atualidade

BRASIL COLÔNIA

Autores

Ana de Sousa
Ana Gomes
Láinny Chaves
Laura Costa
Samuel Mendonça



Imagem Autoral

Apresentação:

Produzimos esta revista para a disciplina de História do Brasil I, do curso de História - Licenciatura da Universidade Federal de Jataí, orientados pela professora Sandra Nara Novais.

Este presente material tem por objetivo apresentar uma proposta didática a ser trabalhada em salas de aula do Ensino Médio, na disciplina de História, como um tema complementar ao conteúdo de Brasil Colônia, trazendo à tona a problemática da violência enfrentada pelas Mulheres Negras no Brasil, pois é de suma importância apontar essa outra perspectiva, já que não é um assunto trabalhado em materiais didáticos convencionais.

Abordamos aqui a visão eurocêntrica, o imaginário social vigente, a forma como a sexualidade e o corpo das mulheres negras eram explorados, as violências a que elas eram submetidas, os modos de resistência que essas encontraram para sobreviverem. Traçamos uma linha de análises históricas que se inicia no século XVI e se prolonga até a atualidade, expomos como essas adversidades refletem na contemporaneidade, com a finalidade de questionar os problemas sociais enfrentados por esse grupo minoritário em uma sociedade ainda estruturada no patriarcado e no racismo.

Por meio da análise de fontes, trechos de textos e obras artísticas esperamos que os alunos/as reflitam sobre os pontos levantados e problematizados ao longo da revista, para que possam adquirir conhecimento a respeito de um outro panorama que não seja o eurocêntrico apresentado pelos materiais tradicionais e passem a se atentar aos respingos de uma história de exploração que é amenizada como um simples processo natural e tido como superado.

Sumário:

Visão eurocêntrica sobre os povos africanos -----	4
Mulher e Negra: indivíduo oprimido no século XVI-----	4
O resultado social dos abusos sexuais cometidos contra as negras escravizadas-----	5
O imaginário social, a dualidade feminina e a sexualidade no Brasil Colonial -----	6
As amas de leite, sem seus filhos e sendo as mães-pretas das crianças brancas-----	7
Mulher negra escrava: a raiz da violência-----	9
Resistência e enfrentamentos das mulheres negras escravizadas - uma forma de solidariedade e sobrevivência-----	10
Hipersexualização da mulher negra: objetificação do corpo feminino -----	12
Efeitos da erotização: passado e presente-----	14
Resistência-----	15
Teste seus conhecimentos -----	16
Sobre a revista, responda -----	16
Sugestões de vídeos -----	17
Sugestões de conteúdos na internet -----	17
Referências -----	18
Conheça os autores -----	21

Visão eurocêntrica sobre os povos africanos

A ocupação portuguesa na África durante o fim da Idade Média e o Início da Idade Moderna, trouxe vários estranhamentos étnico-culturais entre os dois lados. Tanto a Igreja quanto os cientistas europeus da época julgavam os povos africanos como seres não evoluídos, bárbaros e selvagens; de maneira alguma os colocavam em posição de indivíduos ou seres humanos. Negando-lhes qualquer dignidade.

A Igreja católica sempre reforçou a **maldição de Cam**, justificando o racismo e escravidão eterna dos povos africanos. Deste modo a Igreja não abominou a dominação portuguesa na África e nem o comércio e o tráfico de pessoas africanas, e isso evidenciou-se pela vontade de expandir o Cristianismo na África, e também era lucrativo para a coroa portuguesa o comércio negreiro.

A **maldição de Cam** foi usada por alguns membros de religiões abraâmicas para justificar o racismo e a escravidão eterna de negros africanos, que acreditavam ser descendentes de **Cam**.

Eurocêntrico: centralizado na Europa e/ou nos europeus; que tende a interpretar o mundo segundo os valores do Ocidente europeu.

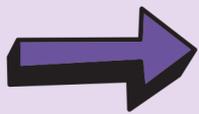
Mulher e Negra: indivíduo oprimido no século XVI

Não há dúvidas de que durante todo o Império Português, a violência contra as pessoas negras era muito marcante, tanto na África quanto na América Portuguesa. Castigos como apanhar no tronco, deixa-los sem comida e mata-los era a realidade cruel do povo negro durante o tempo colonial e imperial. Mas para as mulheres negras e escravizadas, a opressão foi muito maior, visto que não era apenas a questão racial e condicional de escravo, mas também a questão da **misoginia** vinda da sociedade europeia que oprimia as pessoas do gênero feminino _ *embora que o conceito de misoginia e racismo sejam contemporâneos, houve sim a presença deles na sociedades colonial e imperial do Brasil e nas colônias portuguesas africanas* _ tal qual, o abuso sexual dos homens brancos contra as mulheres negras, era normalizado, se não, romantizado pela elite branca colonial.

Além do abuso sexual, a visão eurocêntrica colocava a mulher negra em posição inferior ao homem negro e ainda mais inferior aos europeus, e assim construía a estrutura de perseguição e abuso. Usando a justificativa de que as negras eram sentimentais e irracionais, movidas pelo o impulso, sendo assim, justificava-se a necessidade de dominá-las.



"A pior vista já vista"2019 - Óleo sobre telaPintor: Kevin Williams

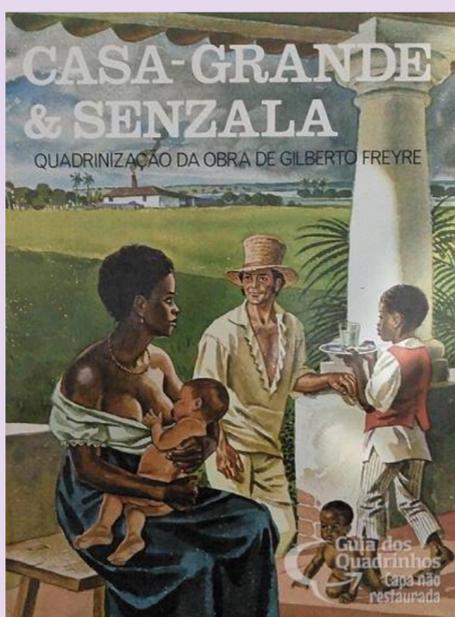


ANALISANDO O TRECHO

"Gilberto Freyre é um autor polêmico. Trouxe contribuições muito originais à antropologia como um todo e à compreensão do Brasil, ao mesmo tempo em que recebeu críticas severas e consistentes. As críticas que, por exemplo, Dante Moreira Leite (1976) dirige a Gilberto Freyre dizem respeito à sua noção de harmonia entre as diferentes raças, o que filiaria o pensamento de Freyre a uma linha conservadora. Essas críticas são reiteradas e pertinentes. Ocorre que o recorte teórico que utilizo da obra deste autor é um ponto não criticado, um ponto que não é explorado pelos seus intérpretes, que se centra na violência intrínseca, na exploração sexual da mulher, na centralidade da família patriarcal, no sadismo das classes dominantes e no masoquismo das classes dominadas que advém da escravidão. O próprio Leite (1976, p. 278) menciona, em seu texto, a centralidade da família patriarcal de que Freyre trata, o sadismo e o masoquismo, o personalismo, o culto sentimental e místico ao pai. E o menciona sem fazer críticas a esses aspectos da obra do autor de Casa Grande & Senzala".

Fonte: Trecho tirado do artigo textual de Maxwell, As mulheres do período colonial, PUC-Rio

Fonte: imagem tirada do site Guia dos Quadrinhos. Casa Grande & Senzala em Quadrinhos / Ebal | Guia dos Quadrinhos



Questões:

1. Copie do texto a parte que romantiza o abuso físico que as mulheres escravizadas sofriam.
2. Observando a Imagem da capa da revista, aponte o que indica a violência sofrida pela a mulher negra e escravizada.

O resultado social dos abusos sexuais cometidos contra as mulheres negras escravizadas

A violência do estupro ocorrido contra as mulheres negras escravizadas, influenciou na **miscigenação** da sociedade brasileira e o racismo contra as pessoas pardas e mamelucos, visto que durante muito tempo as pessoas pardas eram chamadas de mulatos, relacionando a posição que as negras vitimas do abuso ficavam de braços durante o ato sofrido.

Tanto os descendentes homens quanto mulheres miscigenados tinham que contar com a vontade do senhor de engenho para serem aceitos na família da casa grande e não viverem em condições de escravizados; mas na maioria das vezes, esses filhos eram renegados pelo pai, assumindo a posição de bastardos. E ainda sim podemos afirmar que para a mulher parda (filhas de mãe negra e pai branco) as suas chances eram quase nulas, tal qual a visão patriarcal e etnocêntrica as colocavam como seres inúteis para a família branca.

Miscigenação ou mestiçagem significa a mistura de elementos de diferentes etnias, religiões, arte, e que vão originar um terceiro elemento.

A miscigenação é uma das características marcantes do povo e da cultura brasileira. No entanto, ao longo do tempo, este conceito foi aproveitado por várias ideologias para justificar as qualidades ou os defeitos do País. (BEZERRA).

O imaginário social, a dualidade feminina e a sexualidade no Brasil Colonial

Você alguma vez já viu o termo '**Patriarcado**'? Você sabe o que ele significa? Para partirmos do mesmo ponto usarei aqui a definição dada por Millet, citada em um artigo de Marcele de Araújo:

“Patriarcado pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiar. É uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que nas diferenças biológicas entre homens e mulheres (MILLET, 1969, p. 58).”

Baseado nessa forma de organização social temos o **Patriarcalismo**, um termo usado para explicar a maneira de organização social do período entendido aqui como Brasil Colonial, partindo de um Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII, o Patriarcalismo é um processo de elitização nas fazendas escravagistas, onde o homem - o pai, era dono e proprietário exclusivo da terra, da esposa, dos filhos e dos escravizados, sendo o dono, o patriarca tinha autoridade sobre a vida e morte de seus bens. Os escravizados eram vistos não como humanos, mas como *coisas*, à eles foi dado o lugar de não-ser.

As mulheres durante o Brasil Colonial sofriam um rígido controle, baseado no patriarcalismo e no discurso ideológico da Igreja Católica, o qual também era atestado pela medicina. Esse discurso se valia de histórias bíblicas, que atribui às mulheres a dicotomia de Eva e Maria, sendo Eva a causadora dos pecados, portanto o “modelo” a não ser seguido e Maria como o exemplo ideal de esposa. Por conta do ato de Eva - comer a maçã do pecado, todas as mulheres eram consideradas poço de pecado, perdição, oportunidade para a perversão dos homens, assim sendo, as mulheres representavam um perigo a vida social e moral da sociedade e seria necessário dominá-las, domesticá-las e adestrá-las. Alguns teólogos, como explica Macedo, usam o argumento de que a mulher foi feita a partir do homem, ele que é dotado da imagem divina, já a mulher, que é feita a partir da criatura, é apenas uma semelhança divina, o que constituía a prova da ‘inferioridade natural’ do sexo feminino. (SILVA; CASTILHO, 2014).

Mantida sob rígido controle estava a sexualidade feminina, vigiada por seus pais, e depois pelo marido e pela Igreja, por isso a vaidade feminina era quase que proibida, não podiam embelezar-se, pois poderiam despertar nos homens interesse, fazendo com que eles pecassem. “Adestrar a mulher fazia parte de um processo civilizatório, e, no Brasil, este adestramento fez-se a serviço do processo de colonização”. (Del Priore, 1993 apud Silva; Castilho, 2014, p. 273).

Em contrapartida a essa mentalidade que é voltada às mulheres brancas - as senhoras, as mulheres negras escravizadas eram submetidas a categoria de serem tidas como coisas, e enfrentaram a dupla violência: enquanto escravizadas e enquanto submetidas ao patriarcado, foram objetos sexuais dos senhores e depois dos filhos deles. Como a racionalidade moral da Igreja era presente de forma muito forte naquele período, o pudor sexual era conferido às mulheres brancas, que seriam responsáveis pela procriação, para darem herdeiros aos seus maridos. As mulheres negras em oposição, tinham seus corpos sexualizados, e como não era delas a obrigação de seguirem a moral religiosa e de estabelecerem relações familiares, a sexualidade da mulher escravizada aparece para o senhor livre de objeções sociais e é encarada como objeto sexual, como eram vistas como coisas, seus corpos não as pertenciam, pertenciam aos seus senhores.

Como forma de justificar as violências sexuais dos senhores construiu-se a narrativa de

que as próprias escravizadas que os seduziam, que se prostituíam. Aqui vemos a dualidade de serem tidas como coisas e como agentes, agora capazes de influenciar seus senhores, sendo elas mesmas responsáveis pelos ataques que sofriam. Observe essa quadra popular da época:

“Preta bonita é veneno
Mata tudo que é vivente
Embriaga a criatura
Tira a vergonha da gente
Mulata é doce de côco
Não se come sem canela
Camarada de bom gosto
Não pode passar sem ela”

(apud Goulart, 1971, p. 48. apud Giacomini, 1988, p. 67).

Dado esse discurso de que as mulheres escravizadas eram responsáveis por seduzir seus senhores, a relação escravizadas-senhoras se torna acirrada, e por diversas vezes sofreram duros castigos pelas senhoras. Quando as escravizadas adentram o ambiente doméstico para se tornarem mucamas, amas-de-leite (veja o *box sobre esse assunto*), cozinheiras, bordadeiras, lavadeiras e engomadeiras são vigiadas de perto pelas senhoras, sofrem castigos físicos, com palmatórias, são mutiladas, por diversos motivos e entre eles o ciúme das sinhás, as partes do corpo priorizadas para as mutilações são as tidas como ‘sensuais’, as nádegas, os seios, o rosto, é quando a escravizada passa pela puberdade com as transformações do corpo, que ela passa de “animal de estimação” para “objeto sexual”, alvo da rivalidade das senhoras. Além das escravizadas, que quando conseguiam chegar ao fim da gestação e minimamente criarem seus filhos, eles também se tornavam alvo das sinhás, que quando desconfiavam serem filhos de seus maridos penalizavam a criança, até mesmo os matavam e serviam aos seus maridos como uma forma de confrontá-los.

Em oposição a essa rivalidade, temos a solidariedade feminina nas senzalas, onde as escravizadas mais velhas cuidavam das crianças para que as mães trabalhassem, percebemos essa solidariedade nas formas de resistência dessas mulheres que falaremos adiante, essas mulheres que foram tratadas como coisas e que tiveram que encontrar maneiras de sobreviver nessa sociedade que em nada as favorecia.

As amas de leite, sem seus filhos e sendo as mães-pretas das crianças brancas

“A Negra” obra de Tarsila do Amaral. Disponível em:
<http://tarsiladoamaral.com.br/obra/inicio-do-cubismo-1923/>



O quadro A Negra foi pintado em 1923 por Tarsila do Amaral, uma artista brasileira que participou da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, o marco do Modernismo no Brasil, foi com essa tela que Tarsila entrou para a história da arte moderna brasileira. Tarsila nasceu em 1886, filha de um fazendeiro importante do estado de São Paulo teve uma infância abastada, e chegou a estudar em Barcelona, na Espanha. Esse quadro em específico tem uma ligação muito forte com

sua infância, pois essas negras eram as filhas de escravos que tomavam conta das crianças e serviam até de amas de leite.

A família de Tarsila era escravocrata, e talvez por isso tenha alguns pontos nesta obra que são problematizados nos dias atuais, pontos importantes que valem a pena serem refletidos, vamos juntos? Em 1923 Tarsila estava em Paris e teve sua obra muito elogiada por lá, o problema aqui a ser levantado é que sua obra faz pouca alusão às marcas de violência que as negras eram submetidas, no quadro ela apresenta um ar de docilidade e passividade. A cabeça oval em desproporção ao restante do corpo pode indicar uma certa patogenia quanto ao desenvolvimento intelectual dos afro-brasileiros. Os membros avantajados podem indicar o trabalho excessivo a que eram submetidas, a boca sobreposta ao rosto pode indicar a sexualização das mulheres negras e o seio grande possivelmente é uma representação das amas de leite. É sobre essa função que a mulher negra escravizada desempenhava que falaremos agora.

As amas de leite eram escravizadas que viviam na Casa Grande, tinham condições de vida um pouco menos violentas que as outras, pois eram responsáveis pelo aleitamento dos filhos legítimos dos senhores, ou seja, os filhos dentro do casamento, elas também eram responsáveis por cuidar das crianças. Mas não se engane em achar que a vida delas era melhor, elas tinham seus filhos vendidos ou assassinados para poderem amamentar só as crianças brancas, a elas foi negada a maternidade, a possibilidade de serem mães de seus filhos pretos, seus senhores com frequência as alugava ou alugava bebês para que o leite não secasse, pois esse comércio era uma fonte de renda para muitas famílias coloniais, mais uma forma de exploração que elas eram submetidas. Dê uma olhada em anúncios de jornais da época: (Todos esses anúncios foram retirados do capítulo III As “mães-pretas” do livro “Mulher e Escrava - Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil”. GIACOMINI, Sonia Maria, 1988, p. 52 e 55). *

“Aluga-se uma boa ama-de-leite, parida ha 20 dias, muito carinhosa para crianças (Jornal do Commercio, 1/08/1850)

“Vende-se uma boa ama-de-leite do primeiro parto e com 20 dias de parida” (Jornal do Commercio, 7/08/1850)

“Aluga-se uma optima ama sem cria” (Jornal do Commercio, 1/08/1850)

“Vende-se uma pardinha de tres mezes de idade” (Jornal do Commercio, 7/07/1850)

“Vende-se uma negrinha de perto de 2 anos, muito linda e socegada” (Jornal do Commercio)

“Dá-se a criar um crioulinha de 6 mezes” (Diário do Rio de Janeiro, 02/07/1850)

“Toma-se uma criança parda ou preta para amamentar-se em casa de família promettendo-se todo o desvelo e bom tratamento; ou compra-se uma negrinha recém nascida” (Diário do Rio de Janeiro, 26/07/1850)

“...estando sua mulher prestes a dar a luz, ... encommendou-lhe uma preta, de boa figura, sadia e mãe de pouco tempo, para ama de seu filho ou filha que estava para nascer. (...) Tendo nascido a almejada criança foi a filha da preta levada para a Róda” (Mãe-Preta; A Mãe de Família, junho 1879)

*Está sendo usada a grafia vigente ao período a que fazem referência às fontes.

A **Róda dos Expostos**, instituição de cunho caritativo-assistencialista, criada em 1738, foi o “depósito” natural das “crias” indesejadas pelos senhores. Ela parece ter sido o suporte do importante comércio do leite da escrava sem os entraves e desvantagens ocasionados pelas crianças escravas.

Depois de ler todos estes anúncios escreva aqui e comente com seus colegas:

1) Quais foram as coisas que mais te chamaram atenção?

2) Quais sentimentos, pensamentos e/ou reflexões a leitura te trouxe?

3) Quais suas reflexões sobre o quadro “A Negra” e o que você acha das problematizações aqui levantadas?



DICA:



A Negra | Tarsila do Amaral
Lili Schwarcz

https://www.youtube.com/watch?v=as1N_HYyZ8&t=4s

Mulher negra escrava: a raiz da violência

Violência e exaustão, essas palavras se encaixam no contexto histórico do século XVI ao XIX durante o período colonial brasileiro, onde mulheres negras escravizadas foram expostas a todo tipo de violência, fosse física ou mental. A história dessas mulheres se inicia a partir do momento em que eram arrancadas de suas famílias e comunidade e embarcavam nos navios negreiros, onde ficavam separadas dos homens negros escravizados e colocadas em um compartimento só de mulheres, local escuro e amontoadas, expostas a sujeira, fome, doenças, estupro e eventualmente a morte, dado elevado número de escravizados/escravizadas que morriam nessa longa e penosa travessia.

Nos navios negreiros, conhecidos também como tumbeiros ficavam à disposição dos oficiais e marinheiros que escolhiam a que mais lhe agradava e a obrigava a servi-lo na ‘mesa e na cama’. Vistas como mercadoria, assim que chegavam ao Brasil, eram vendidas e logo marcadas, nos ombros, coxas ou peito, com ferro em brasa com as iniciais do nome do seu proprietário. Perdiam seu nome (Africano) e sendo obrigadas a lidarem com as atrocidades da escravidão, tornavam-se amas de leite, mão de obra nas grandes lavouras coloniais e no trabalho doméstico. Péssimas eram as condições, com jornada de trabalho longa, sujeitas a punições de seus senhores e senhoras, visto que a lei brasileira lhes permitia a punição, não se importando por serem mulheres.

As negras mais bonitas eram escolhidas pelos Senhores como domésticas e usadas como objeto de desejo sexual — com total impotência para se defenderem

— geralmente ‘iniciavam’ sexualmente os filhos de seus donos. Já por parte das mulheres brancas — o ciúme estimulava a rivalidade por parte das senhoras e estas as castigavam das mais variadas formas. Um exemplo: só por serem bonitas e terem um bom sorriso, já era ordenado a remoção de seus dentes. A sobrevivência se tornava uma vitória.

Exploradas não só como trabalhadoras, mais também reprodutoras, essas mulheres escravizadas, tinham seus corpos totalmente designados para escravidão. Dado a essa razão as escravas não tinham nenhuma condição para cuidar de seus filhos, tendo que levá-los às grandes lavouras amarrados em um pano e permaneciam trabalhando como antes, não podendo nem se quer parar para amamentarem, e por conta disso muitos bebês vinham a óbito em decorrência da desnutrição, e seus senhores as acusavam de negligência. Em uma tentativa de impedir o sofrimento das futuras gerações, muitas escravas recorriam ao aborto e ao infanticídio, impedindo assim o nascimento de seus filhos em cativeiro, em um ambiente desigual e desumano, descrito também pelo trecho da música a seguir:

“Enquanto o couro do chicote cortava a carne/A dor metabolizada fortificava o caráter/A colônia produziu muito mais que cativos/Fez heroínas que pra não gerar/escravos matavam os filhos.” Mulheres Negras – Eduardo – Facção Central

Resistência e enfrentamentos das mulheres negras escravizadas - uma forma de solidariedade e sobrevivência

Muitas são as formas que as mulheres escravizadas encontraram para resistir e sobreviver a todas as violências as quais eram submetidas, usavam formas cotidianas e camufladas de resistência, como a sabotagem, as “operações tartarugas” e o desperdício de produtos. Veja esse anúncio de jornal:

“FOGÕES PARA COZINHAR - Um grande sortimento de fogões para cozinhar, muito fortes e igualmente simples na composição, de maneira que podem ser, sem receio, entregues à disposição dos pretos”

(Jornal do Commercio, 26/08/1850, apud Giacomini, 1988, p. 82)

Em um cenário de vida degradante e exaustivo, o que lhes restava se não ter força, inteligência e resistência? De que maneira era representado? Pode-se parecer impossível haver resistência, mas essas mulheres sempre foram extremamente fortes, tirando força de várias formas, resistiram então ao trabalho compulsório, submissão, castigos violentos e humilhações com o uso do dialeto Africano para xingar seus senhores ou cantar cantigas para aliviar as duras horas de trabalho, embora por essa razão em alguns casos eram proibidas de falar o dialeto Africano, também encontraram refúgio em suas religiões ancestrais como meio de resistir ao abuso e a exploração.

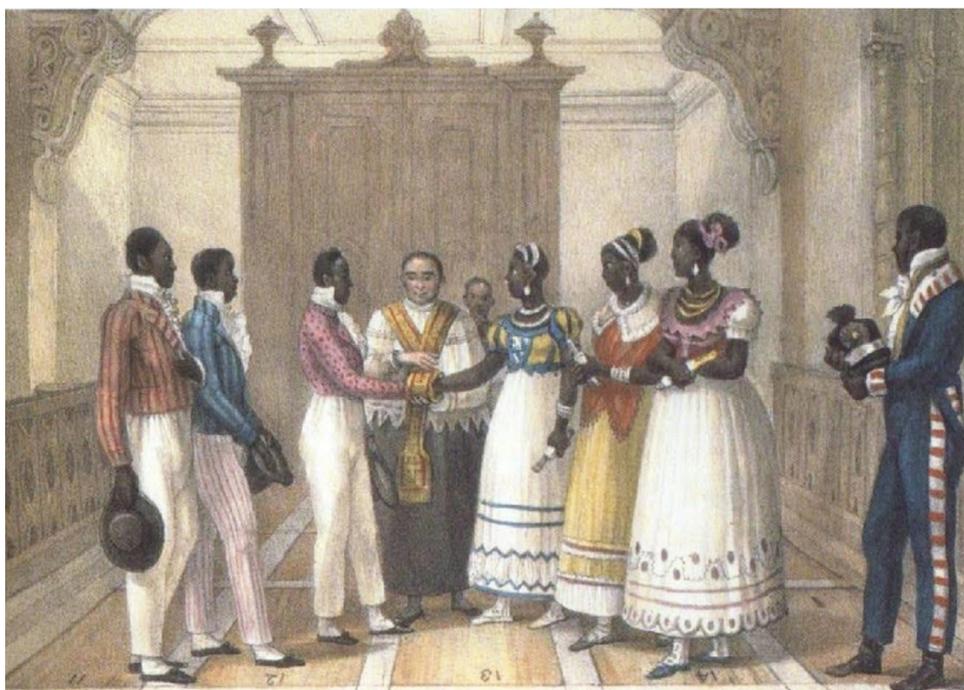
Essas mulheres buscavam em suas tradições africanas formas de articulação, usavam da religião e da magia, por meio das plantas, folhas e raízes, as mulheres mais velhas eram responsáveis por manterem e divulgarem esses costumes, atuavam como feiticeiras e curandeiras através desses saberes ancestrais, acreditavam também invocar os deuses por meio dessas ervas e garantir proteção a elas. Essas práticas não eram aceitas socialmente e seus senhores temiam ser envenenados por elas, o que realmente acontecia, por isso as castigava duramente, chegando ao assassinato.

A forma mais marcante de resistência vinha da criação de quilombos, dentre as figuras femininas de destaque, que quase sempre é citada nos livros de história, foi Dandara dos Palmares, esposa de Zumbi dos Palmares. Ela participava ativamente na defesa do quilombo, liderava as forças femininas e masculinas contra os ataques, um verdadeiro exemplo de resistência a escravidão, aclamada oficialmente como heroína da pátria pela lei de número 13.816 de 2019. Citada também no cordel de Jetro Fagundes:

[...]Além de exercer liderança/Nos sonhos e na esperança/Ela sabia muito bem lutar/Dandara foi protagonista/Da real luta abolicionista/Segundo a Tradução Oral/Esta guerrilheira ativista/Era belíssima capoeirista/Uma lutadora literal/Dandara que tão bem lutava/Saibam também, participava/Dos projetos, elaborações/Pois esta negra capoeirista/Era uma exímia estrategista/Muito ajudava nas decisões[.]E tinha carisma popular/Sobre Dandara da policultura/Da negritude, das bravura[...]De Ana Batista, a marajoara/Eu ouvi que a linda Dandara/Vive nos dias atuais/Nas negras cheias de graças/Que nas ruas, lares e praças/Atuam nos Movimentos Sociais/Hoje ela, com seus encantos/É negra parteira mãe de santo/Que sabe se contrapor/A intolerantes religiosos/E hipócritas preconceituosos/Que odeiam a negra cor/Dandara negra guerrilheira/Hoje até com uma baladeira/Nunquinha daria trégua, não/Aos mais sórdidos idiotas/Os que são contra as cotas/Rasgadores da Constituição/Viva Dandara, a palmerina/A afrodescendente heroína/Do mais libertário arraial/Viva a negra dos quilombolas/Que ginga, joga, cantarola/Tudo ao som dum Berimbau. Jetro Fagundes- Dandara dos Palmares.



Outra forma de resistir, essa já bem conhecida, eram as fugas, raramente fugiam sem seus filhos, o que dificultava o trajeto e encontrar refúgio em quilombos, vilas ou outras fazendas. As mulheres que conseguiram migrar para as cidades tinham a possibilidade de serem escravas de ganho, quitandeiras ou de realizar um pequeno comércio de gêneros alimentícios, mesmo sendo um comércio clandestino e tendo que dar uma parte do dinheiro para seu senhor ou senhora, tinham mais chances de comprar sua alforria e de sua família, quando estas o tinham. Esse processo era longo e cheio de sacrifícios, essas mulheres persistentes fizeram com que as alforrias fossem um fenômeno majoritariamente feminino e urbano, quando era alcançado elas se tornavam forras, livres. Uma vez estando livre não significava que seria permanente, muitas eram raptadas ou reescravizadas.



"Casamento de negros de uma casa rica, de Debret"

Os casamentos também podiam significar uma forma de sobreviver, muitos acreditavam que se casasse seria um meio de se protegerem dos recorrentes assédios e estupros de seus senhores, capatazes e até de outros escravizados. Era costume de alguns dos grandes proprietários darem um pequeno pedaço de terra para os casais morarem fora das senzalas coletivas, acreditavam que assim evitariam as fugas e revoltas, era

vantajoso para as escravizadas conseguirem uma casinha e talvez um lugar para fazerem roças e com a venda do excedente, a possibilidade de comprar sua alforria e de seus filhos. Na África o casamento representava ajuda mútua, essa ajuda também era compartilhada através das relações de compadrio que eles estabeleciam, representava ajuda em atividades do cotidiano e também para cuidar dos filhos, se as relações de compadrio fossem bem feitas poderiam representar a liberdade de seus filhos e até delas mesmas.

No Brasil havia duas maneiras distintas do compadrio, onde na primeira era permitido escolher os padrinhos de seus filhos de acordo com o status ao qual eles pertencessem, priorizando o amparo social que poderiam ter, mas também poderiam escolher membros da sociedade escrava livre e pobre, priorizando os laços de amizade. Essa livre escolha representa a grande extensão na escolha do compadrio, permitindo uma criação de vínculos sólidos entre filhos de escravas e os que pertenciam à elite ou a classe de escravos libertos, formando um parentesco 'espiritual' entre eles.

A segunda forma de compadrio no Brasil era feita da seguinte maneira, ao desembarcarem, no caso as mulheres e seus filhos eram levadas a igrejas servidas por padres negros, que seguindo os termos da legislação portuguesa que teoricamente protegeria a formação da família escrava. Os padrinhos em questão eram sempre escolhidos pelos proprietários, sendo sempre o escravo mais antigo como exemplo a ser seguido, obviamente havia ali um jogo de interesse da parte dos senhores para o controle de rebeldia dos escravos.



Jean-Baptiste Debret; 1821; Jovens negras indo à igreja para serem batizadas.

Hipersexualização da mulher negra: objetificação do corpo feminino

De acordo com o conceito de patriarcado, podemos problematizar as consequências deste no período colonial refletidas na atualidade, como por exemplo na condição de hipersexualização do corpo da mulher negra e a padronização de um estereótipo de beleza nos quais estas não preenchem os requisitos necessários para se encaixarem.

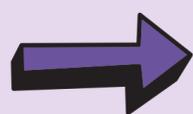
Mas o que seria essa **hipersexualização**? Segundo o conceito retirado do texto Hipersexualização das Mulheres Negras: aspectos sócio-históricos e a influência da mídia, arquitetado pelas produtoras Lanna Moura Sá Teles e Ashjan Sadique Adi, pensado a partir do trabalho "A MULHER NEGRA NA TELENOVELA: HIPERSEXUALIZAÇÃO, INVISIBILIDADE OU SUBALTERNIDADE?" de Fernanda Bueno:

"A **hipersexualização** se configura em um fenômeno que atinge as mulheres, principalmente as mulheres negras, que desde o período colonial enfrentam estigmas ainda não superados historicamente. Tal fenômeno acarreta a visão preconceituosa acerca desse público, de forma que, nos dias atuais, ainda se faz presente o estereótipo da mulher negra como "superdotada de sexo" (Bueno, 2016, p.01).

Dessa forma, podemos compreender o conceito de hipersexualização do corpo negro através do estereótipo da mulher erótica e exótica, uma construção histórico-cultural que se mantém socialmente, através do fenômeno da objetificação que vem se consolidando de forma negativa e preconceituosa em nossa sociedade. Este processo, traz consigo diversos estudos e pensamentos que por muito tempo foram tratados

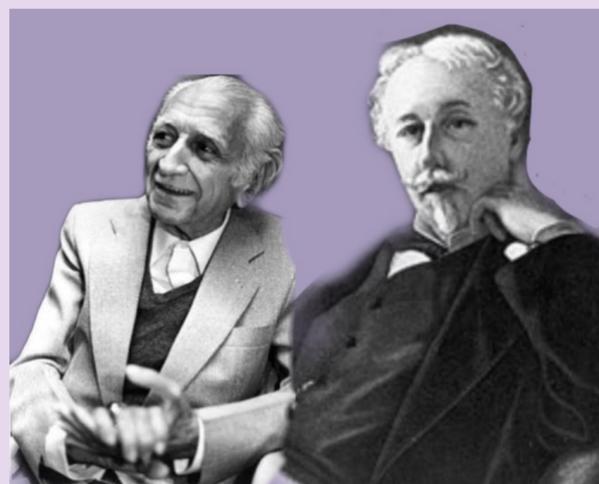
como algo cientificamente comprovado pelos famosos “**médicos sociais**” do século XIX, e romantizado por escritores influentes do século XIX e XX.

Citaremos então, dois autores que, entre esses, tratam essa narrativa erótica forçada de forma romantizada e nociva, construída pelo e para o homem branco. Mas, antes disso precisamos ressaltar que, a mestiçagem, fruto desse estupro coletivo, é o foco principal desses literatos e que, ao ser feito uma revisão dessas obras, conseguiremos observar a banalização dessa violência sofrida por mulheres negras no período colonial.



Vamos juntos analisá-las?

Para tanto, utilizaremos as produções literárias, “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” de Arthur de Gobineau de 1853-1855 e “Casa-grande & senzala” por Gilberto Freyre de 1933.



Para Gobineau, a miscigenação (resultado da violência sofrida pelas escravizadas) era um processo de degeneração de um povo que se consideravam mais evoluídos, isto é, para o ensaísta francês, a supremacista raça branca seria portadora de princípios intelectuais, físicos e morais que seriam apregoados como superiores e incompatíveis com as demais. De modo que, essa aversão natural ao cruzamento com outras raças, ocasionaria em uma “lei de repulsão” que impediria as fusões necessárias e favoráveis ao surgimento da civilização, alegando que esse processo poderia acarretar na perda dos valores apresentados acima. Sendo assim, podemos alegar que o pensamento do autor não apenas anula a dor e as consequências gerada pelo abuso sexual como, também, reproduz uma invalidação de todos os grupos de seres humanos não brancos.

Por conseguinte, iremos neste momento expor e criticar outra visão semelhante em relação ao posicionamento do homem branco para com a mulher negra. Freyre, desenvolve em seu trabalho uma abordagem que além da desvalorização da dor desse grupo de mulheres, apresenta um outro ponto de vista totalmente distorcido, em que, para o autor, estas sentiam prazer em serem abusadas sexualmente, de modo que essa ação era tratada pelo autor como masoquismo por parte da vítima e um sadismo como justificativa da violência causada pelos senhores, sucedendo-se em uma “lei de atração”. Ou seja, ele coloca o dominador na posição de homem sádico e seus dominados como masoquistas, onde neste contexto ambos buscavam o prazer no exercício da violência, dando assim, origem a um regime de perversões afetivas responsáveis por manter uma ordem social estável.

Observamos assim que, através dessas analogias, o escritor justificava esses abusos cometidos pelo homem branco, alegando que o mesmo estaria apenas garantindo a continuidade de sua dominação e a estabilidade indefinida da sociedade patriarcal. Dessa forma, Freyre é enfático ao alegar que, “sem o processo de escravidão e sem esse excessivo patriarcalismo masculino, não seria possível realizar a colonização do Brasil, ou seja, a ocupação do território e a produção de riqueza”. Averiguando esse pensamento, podemos chegar a conclusão de que o autor também defende o processo autoritário e epistêmico desse momento histórico. Partindo dessa premissa, de como a mulher escravizada se sentia perante a violência que a mesma era submetida, a cultura de sexualizar esse corpo é até hoje carregada com a ideia de que a própria apoia, gosta e participa ativamente desta problemática. Podemos, portanto, citar o ponto de como a sociedade não enxerga esse grupo de mulheres perante a formação de uma família, pois seu corpo não passa de um objeto sexual, sendo assim, não seria digna e nem prioridade quando se tem a mulher branca como opção.

Efeitos da erotização: passado e presente

Após séculos de consolidação desse pensamento objetificador e sexualizador do corpo negro, desde a chegada dos povos africanos ao Brasil até o momento onde nos encontramos, podemos observá-lo em diversos cenários. Por exemplo, você já ouviu falar da Vênus de Hotentote? Saartjie Baartman pertencia ao povo Hotentote e nasceu na África do Sul em 1789. Suas características físicas, como lábios vaginais hipertrofiados e acúmulo de gordura nas nádegas, foram um dos motivos de torná-la um objeto de exposição em circos, feiras, teatros ou onde houvesse curiosos em conhecer uma “selvagem”, sendo exibida de forma desumana em uma jaula como se fosse um animal em um zoológico.



“Em outubro de 1810, Sarah Baartman foi levada da África do Sul à Grã-Bretanha para aparecer em espetáculos. (Foto SPL)”

Não indo muito longe no tempo, já repararam em como as afrodescendentes são apresentadas pelas escolas de samba? Podemos dizer que estas são retratadas de uma forma ultrassexualizada por essa festa cultural, que traz em suas tradições uma exaltação da beleza do semi nu, normalizando essa ideia de exibir um indivíduo como um objeto de prazer, sendo que, ao mesmo tempo esse corpo é tão invisibilizado dentro dessa sociedade estruturalmente racista e machista. Dando continuidade, por muito tempo a glocalidade foi representada por uma mulher preta, de lábios grossos e um bumbum avantajado. Porém, agora está passando por um processo de embranquecimento nas escolhas das modelos, então deixamos o seguinte questionamento: qual será o motivo desse acontecimento?



“Imagem da emissora Rede Globo”

Observamos assim, através desses exemplos apresentados, a forma como a beleza da mulher negra é ditada pelos padrões impostos pela mídia e a elite, que tem como propósito apagar ou diminuir suas raízes, ao inferiorizar os traços e características afrodescendentes. Todavia, essas particularidades físicas tornam-se um marco do Movimento Negro Brasileiro, que trabalha/luta ativamente para enfatizar o orgulho racial e tornar seus traços um símbolo de força contra a indústria da estética.

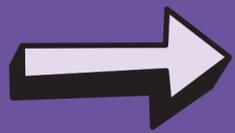
Resistência

Para entendermos melhor sobre esses protestos, iremos te apresentar uma militante do século XXI. Para tanto, relataremos como foi e como é a luta diária de uma mulher negra militante no Brasil, para continuarem garantindo suas existências. Entretanto, observamos que, de acordo com dados apurados, o Brasil é apontado como o 4º país mais violento, no que diz respeito em silenciar vozes, matando ao menos 23 ativistas apenas no ano de 2019, segundo o censo apresentado na revista CartaCapital. Isso acontece devido a um projeto de necropolítica, ou seja, uma política da morte que tem por objetivo ditar quem pode viver e quem deve morrer dentro de um Estado de Exceção, que está totalmente ancorado com a escravidão na colônia. Sendo assim, é indiscutível as consequências deixadas pelo período escravocrata que formou um país que reflete esse passado em seus discursos discriminatórios que ainda estão fortemente enraizados na mentalidade e na ideologia de grande parte povo brasileiro.

Retomando, Podemos destacar como exemplo de vítima desse sistema, Marielle Franco, que foi uma vereadora da cidade do Rio de Janeiro pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), a mesma lutou contra essa opressão estrutural. Você a conhece? Vamos juntos relembrar quem foi essa ativista e quais causas ela defendia.

Para começarmos vale ressaltar que, Marielle foi assassinada no dia 14 de março de 2018 em um atentado ao carro onde estava, sendo este atingido por 13 tiros que também matou o motorista Anderson Pedro Gomes que a acompanhava, e até o presente momento não se tem resposta de quem mandou matá-los. Era mulher, negra, LGBT, favelada, socióloga formada em ciências sociais e Presidente da Comissão da Mulher da Câmara, deu início à sua atuação na luta pelos direitos humanos após matricular-se no pré-vestibular comunitário da Maré e após a morte de uma amiga que foi vítima de bala perdida. Marielle representou uma série de minorias em sua carreira política a qual dedicou seus projetos de lei voltados a essas demandas. Fatos estes que podem ter acarretado em seu assassinato, planejado por agentes dessa necropolítica que desejavam silenciar-la. Porém, “quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles se levantariam no dia seguinte”.





TESTE SEUS CONHECIMENTOS

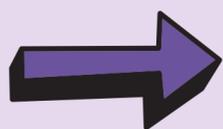


QUESTÃO DE CartaCapital:

De que modo Saartjie Baartman representa a visão que a sociedade escravocrata tinha em relação aos negros?

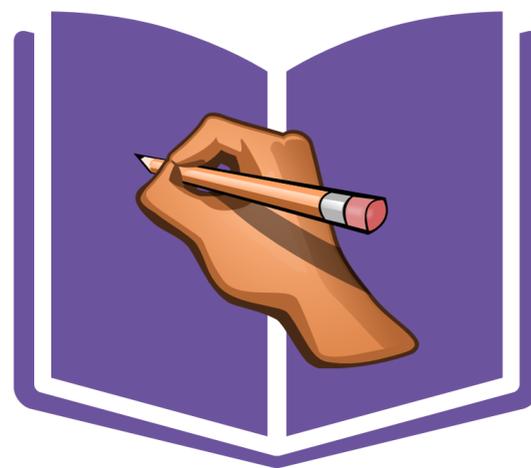
QUESTÃO:

Como entender essa dualidade de um ser que é estereotipada de ser sensual, e ao mesmo tempo tão inviabilizada?



SOBRE A REVISTA, RESPONDA:

Esse material foi relevante para você e atendeu suas expectativas?



Você acha que o tema e as problematizações abordadas pela revista devem ser aprofundadas no Ensino Médio? Por quê?

Quais as reflexões o conteúdo te suscitou?

Quais as novas inquietações que te surgiram depois da leitura?



Sugestões de vídeos:



Sexualidade no BRASIL
Leitura Obrigatória
216 mil visualizações

<https://youtu.be/yobP74r26Uc>



Mulheres negras e o feminismo
Leitura Obrigatória
38 mil visualizações

<https://youtu.be/lnJ4izof3mE>



Quem foi Harriet Tubman? -
Mulheres na História
Leitura Obrigatória
26 mil visualizações

<https://youtu.be/7HfoVUXZFio>



A fotografia da ama de
leite que diz muito
Lili Schwarcz

<https://youtu.be/sT8YLI3Hm-E>



A Negra | Tarsila do
Amaral
Lili Schwarcz

https://youtu.be/as1N_HYyZ8



A redenção de Cam |
Modesto Brocos
Lili Schwarcz

<https://youtu.be/v3mtwEoBZJM>



SUGESTÕES DE CONTEÚDO NA INTERNET:

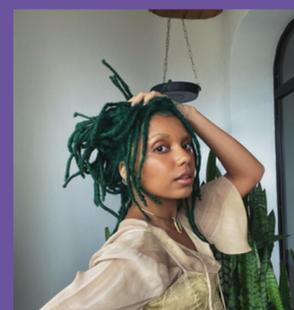
**GOSTOU DAS DISCUSSÕES AQUI LEVANTADAS?
QUER SE MANTER POR DENTRO? SIGA ESSAS
MULHERES INCRÍVEIS NAS REDES SOCIAIS PARA
CONTINUAR TENDO ACESSO A PROBLEMATIZAÇÕES!**



Keilla Vila Flor @kellvila



Carol Sodré @eucarolinesodre



Náталy Neri @natalyneri



Bielo Pereira @hellobielo



Antônia Nascimento @antoniadesde97



Dandara Tonantzin @todandara

Referências:

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Mateus Rezende. Compadrio, mobilidade social e redes sociais: a trajetória de uma família entre a escravidão e a liberdade (Minas Gerais, 1797-1828). **Estud. hist.** (Rio J.) [online]. 2019, vol.32, n.66, pp.33-52. Epub Apr 25, 2019. ISSN 2178-1494. <https://doi.org/10.1590/s2178-14942019000100003.S>

ARAUJO, Marcele Juliane Frossard de. Patriarcado. In: **Infoescola**: navegando e aprendendo. [20 - ?]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/patriarcado/>. Acesso em: 12 abr 2021.

ARRAES, Jarid. A Objetificação e Hipersexualização da Mulher Negra. **Revista Forum**. 09/2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/>. Acesso em: 12 abr 2021.

BEZERRA, Juliana. Miscigenação. **TodaMateria**. [20-?]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/miscigenacao/>. Acesso em: 14 abr 2021.

BRAGA, Amanda. Em livro, pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba dissectiona o discurso que envolve a beleza negra, [Entrevista cedida a] Ana Ferraz. **Carta Capital**. As Vênus Negras. Portal Geledés. 06/2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-venus-negras/>. Acesso em: 12 abr 2021.

DIAS, Maria Odila. Escravas: resistir e sobreviver. In: PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (org). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto 2012.

FRANCO, Instituto Marielle. **Quem é Marielle Franco?** Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>. Acesso em: 12 abr 2021

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Editora Vozes. Petrópolis, 1988.

GOMES COSTA, Suely. Sociabilidades Políticas e relações de Gênero: Ritos Domésticos e religiosos no Rio de Janeiro no século XIX. **Rev. Bras. Hist.** V.27 n° 54 São Paulo dez. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000200004>

IPÓLITO, Jéssica. O aborto das escravas, um ato de resistência. **Portal Geledés**, Agosto 03, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-aborto-das-escravas-um-ato-de-resistencia/>. Acesso em: 12/04/2021.

MARCUSSI, Alexandre Almeida. Mestiçagem e perversão sexual em Gilberto Freyre e Arthur de Gobineau. In: **Estudo Histórico**, Rio de Janeiro vol.26 no.52 Rio de Janeiro July/Dec. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862013000200002>. Acesso em 12 abr 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica biopoder soberania estado de exceção política da morte. In: **Universidade Federal do Rio de Janeiro 2016**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> . Acesso em: 12 abr 2021.

MEIRA, Sílvia. “A Negra” de Tarsila do Amaral: escuta da condição da afrodescendente na formação do povo brasileiro. In: **Anais do XXXVIII Congresso do CBHA**. [2018]. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2018/anais/pdfs/06%20Silvia%20Meira.pdf>. Acesso em: 12 abr 2021.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio. **Raça, Novas Perspectivas Antropológicas**. 2º Edição revista. Disponível em:
file:///C:/Users/windows7/Downloads/RAC%CC%A7A%20e%20ANTROPOLOGIA%20(1)%20(3).pdf.
Acesso em: 12 abr 2021

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da Miscigenação. In: **Estudos avançados 8(20)**. 1994. Disponível em:
file:///C:/Users/windows7/Downloads/LILIA%20MORITZ%20SCHWARCZ,%20O%20EspetA%CC%83%C2%A1culo%20da%20MiscigenaA%CC%83%C2%A7A%CC%83%C2%A3o%20(1).pdf. Acesso em: 12/04/2021.

SILVA, Letícia Ferreira da; CASTILHO, Maria Augusta de. Brasil Colonial: as mulheres e o imaginário social. In: **Cordis. Mulheres na história**, São Paulo, n. 12, p. 257-279, jan./jun. 2014.

SOUSA, Alana. NOGUEIRA, André. A triste e heroica história de Dandara dos Palmares. **Aventuras na História** Fev. 6, 2020 disponível em:
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-dandara-dos-palmares-o-maior-ato-de-resistencia-contr-a-o-regime-escravocrata.phtml>

TARSILA, Site Oficial. **Biografia Conheça a história da artista Tarsila do Amaral**. Disponível em:
<http://tarsiladoamaral.com.br/biografia/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

TEXEIRA, Maria Santana dos Santos Pinheiro; QUEIROZ, Josiane Mendes de. Corpo em Debate: A Objetificação e Sexualização da Mulher Negra. In: **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 10 anos**. [s.d.] Disponível em:
file:///C:/Users/windows7/Downloads/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303%20(4).pdf. Acesso em: 12 abr 2021.

Referência das imagens:

A Negra. 1923. Disponível em: <http://tarsiladoamaral.com.br/biografia/>. Acesso em: 12 abr 2021
Vênus Negra. Disponível em:
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab . Acesso em: 12 abr 2021.

Antônia Nascimento. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMS0NU0D8mu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 abr 2021.

A pior vista já vista. Kevin Williams. Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/374924737731416971/>. Acesso em: 12 abr 2021.

Arthur Gobineau. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_de_Gobineau. Acesso em: 12 abr. 2021.

Bielo Pereira. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNWWx8GnYPS/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 abr 2021.

Carol Sodré. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CM4ysdiDaZx/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 abr 2021.

Casa grande e senzala. Fonte: imagem tirada do site Guia dos Quadrinhos. Casa Grande & Senzala em Quadrinhos /Ebal | Guia dos Quadrinhos. Disponível em:
<http://www.artecultural.blog.br/2015/06/com-casa-grande-senzala-gilberto-freyre.html>. Acesso em: 12 abr 2021.

Casamento de negros de uma casa rica, de Debret, história do Brasil, escravidão
<https://br.pinterest.com/pin/74098356340000684/>. Acesso em: 12 abr 2021.

Dandara dos Palmares. Disponível em: <https://todosnegrosdomundo.com.br/a-forca-de-dandara-dos-palmares/> . Acesso em: 12 abr 2021.

Dandara Tonantzin. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJgNE9gIBsl/?igshid=1b37nldm0amx7>. Acesso em: 15 abr 2021.

Gilberto Freyre. Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/homenagem-a-gilberto-freyre>. Acesso em: 12 abr 2021.

Globeleza, Rede Globo. Disponível em: https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https://www.portalt5.com.br//fileadmin/_processed_/b/8/csm_todasasglobelezas_rep_tvglbo_01_57c9f7a6cf.jpg&imgrefurl=https://www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/globo-deve-acabar-com-a-vinheta-da-globeleza/&tbnid=ULO_bqXsBkhNeM&vet=1&docid=VDQ66ry71p4F-M&w=400&h=266&hl=pt-br&source=sh/x/im. Acesso em: 12 abr 2021.

Jovens negras indo à igreja para serem batizadas. Jean-Baptiste Debret; 1821. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret/obras?p=2>. Acesso em: 12 abr 2021.

Keilla Vila Flor. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CD4hIvBl4Fj/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 abr 2021.

Marielle Franco. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/1/2019/03/Marielle-Franco-4-Foto-Hysteria-1.jpg>. Acesso em: 12 abr 2021.

_____. Disponível em: <https://theintercept.imgix.net/wp-uploads/sites/1/2018/03/Marielle-franco-psol-vereadora-assassinada-1521086477.jpg?auto=compress%2Cformat&q=90&fit=crop&w=1200&h=800>. Acesso em: 12 abr 2021.

Nátaly Neri. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CL0AjEBM650/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 abr 2021.

Referência dos vídeos:

A fotografia da ama de leite que diz muito. Canal Lili Schwarcz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sT8YLI3Hm-E> . Acesso em: 12 abr 2021.

A Negra - Tarsila do Amaral. Canal Lili Schwarcz. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=as1N_HYyZ8 . Acesso em: 12 abr 2021.

A redenção de Cam - Modesto Brocos. Canal Lili Schwarcz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v3mtwEoBZJM> . Acesso em: 12 abr 2021.

Mulheres negras e o feminismo. Canal Leitura ObrigaHistória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnJ4izof3mE> . Acesso em: 12 abr 2021.

Quem foi Harriet Tubman? - Mulheres na História. Canal Leitura ObrigaHistória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7HfoVUXZFio> . Acesso em: 12 abr 2021.

Sexualidade no Brasil. Canal Leitura ObrigaHistória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yobP74r26Uc> . Acesso em: 12 abr 2021.

Conheça os autores:

Ana Flávia de Sousa, Tecnóloga em Investigação Forense e Perícia Criminal, pela Universidade Estácio de Sá - Polo Jataí, aluna do primeiro período do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí. Participa como bolsista do PIBID-História, tem como objetivo aprofundar seus conhecimentos em História das Religiões.

(anaflaviasousa221@gmail.com)

Ana Luiza Gomes Guimarães, aluna do primeiro período do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí. Participa como bolsista do PIBID-História, do projeto de Iniciação Científica com o tema As Influências do Movimento Nacional do Hip Hop na Cidade de Jataí/GO. Participou do Grupo de Estudos de História e Cultura Afro-Brasileiro. Tem como objetivo aprofundar seus conhecimentos nos estudos das relações étnico-raciais.

(analuizaguimaraes27@gmail.com)

Lainny Chaves Oliveira, aluna do primeiro período do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí. Participa do Projeto de Iniciação Científica com o tema Problematizando o acervo existente no Museu Histórico Francisco Honório de campos de Jataí Goiás, pela bolsa do PROLICEN. Tem como objetivo aprofundar seus conhecimentos na área de museologia.

(lainny123oliveira@gmail.com)

Laura Aparecida de Lima Costa, aluna do primeiro período do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí, participa como bolsista do PIBID-História, do Grupo de Pesquisa Pluriepistemologia do Ensino de História e do Projeto de Iniciação Científica com o tema Pluripedagogias e Ensino de História: as contribuições da pedagogia engajada de bell hooks e da pedagogia da diversidade de Nilma Lino Gomes, tem como objetivo aprofundar seus conhecimentos nas temáticas dos Movimentos Sociais e Ensino de História.

(lauraapalima@gmail.com)

Samuel Martins Mendonça, aluno do primeiro período do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí, participa como bolsista do PIBID-História. Tem como objetivo aprofundar seus conhecimentos na História Moderna e Revolução Francesa.

(samueldiazmendon@gmail.com)